

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CASAMENTO: UM ESTUDO INTERGERACIONAL*

Cristiane Galvão Ribeiro^{*1}, *Lúcia Maria dos Santos Barreto*^{*2}, *Amanda Saraiva Maia*^{*3},
Janiele Santos da Silva^{*4}, *José Valter Fernandes da Silva*^{*4}, *Josefa Valéria Eneas Leite de Sousa*^{*4},
Linderson Christian Sales de Oliveira^{*4}, *Tamara Maia Gurgel*^{*5}

Resumo: Considera-se importante a investigação de como se formam e como funcionam os sistemas de referência que todo ser humano possui através de suas construções na relação com o mundo, e a transmissão das Representações Sociais como fator psicossocial dessa construção e relação. O presente estudo objetivou apreender e comparar as Representações Sociais de jovens, adultos e idosos acerca do casamento e da relação conjugal, para entender as semelhanças e diferenças de tais representações, buscando uma melhor compreensão de como esta dimensão da vida humana é vivenciada nas diferentes gerações. Tratou-se de uma pesquisa de campo do tipo descritiva, de natureza qualitativa. Para alcançar os objetivos propostos, 128 participantes de ambos os sexos, divididos em três grupos etários, responderam a um questionário de pesquisa, instrumento construído pelas pesquisadoras. Os dados obtidos foram analisados através da técnica de análise de conteúdo temática de Bardin. Foi possível verificar, que as Representações Sociais do casamento são ancoradas principalmente na ideia de constituição de família e objetivadas em expressões de sentimentos positivos em relação ao parceiro, como companheirismo, compreensão. Porém foram notadas diferenças relevantes em relação ao modo como o casamento é representado coletivamente nas faixas etárias investigadas.

Palavras-chave: Representação social; Casamento; Gerações.

Abstract: It is considered important the research on how are formed and how works the referral systems that every human being has through his constructions in his relation to the world, and the transmission of the Social Representations as a psychosocial factor of this construction and relation. This study had the objective to apprehend and compare the social representations of youth, adults and seniors about marriage and marital relationship, to understand the similarities and differences from such representations, seeking a better understanding about how this dimension of human life is experienced in different generations. This was a field research of the descriptive type, and of qualitative nature. To achieve the proposed goals, 128 participants from both genders, divided into three age groups, answered a survey questionnaire, which was elaborated by the researchers. The obtained data were analyzed through Bardin's thematic content analysis technique. It was possible to verify that the Social Representations of marriage are anchored mainly in the idea of family formation and objectified in expressions of positive feelings toward the partner, as companionship and understanding. But were observed significant differences in the way marriage is represented collectively in the age groups investigated.

Keywords: Social representation; Marriage; Generations.

* Artigo submetido à avaliação em 13 de setembro de 2015 e aprovado para publicação em 18 de outubro de 2015.

^{*1} Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba professora adjunta do Centro Universitário de João Pessoa. E-mail: cristianegr@ig.com.br.

^{*2} Mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Professora assistente do Centro Universitário de João Pessoa. E-mail: luciasantosbarreto@uol.com.br.

^{*3} Realiza o curso de graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba.

^{*4} Realiza o curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário de João Pessoa.

^{*5} Graduada em Psicologia do Universidade Federal da Paraíba.

Introdução

O presente estudo buscou compreender as representações sociais acerca do casamento e da relação conjugal na contemporaneidade, partilhadas entre três gerações adultas, portanto, foi necessário seguir um percurso teórico-metodológico fundamentado nas mais diversas concepções de casamento e família encontradas na literatura, assim como o método de análise qualitativa das representações sociais. Para tanto, abordaremos o desenvolvimento humano e o ciclo de vida familiar, assim como a evolução histórica e social do casamento e do núcleo familiar, que sempre esteve atrelado ao desenvolvimento da sociedade como um todo.

O desenvolvimento humano é um processo que se inicia desde o nascimento e permanece durante toda a vida, este é determinado por multifatores, tais como hereditariedade, maturação neurofisiológica, a cultura e a sociedade que o indivíduo está inserido, bem como as transformações históricas (LEPRE, 2008). As constantes mudanças comuns ao ser humano, juntamente com o organizar-se e o reorganizar-se gerados por estas mudanças, permite que este reestruture a sua relação com o mundo, abrindo novas possibilidades ao curso de seu desenvolvimento (SIFUENTES *et al.*, 2007). Sendo assim, as preferências do indivíduo são realizadas e determinadas por padrões constituintes de sua construção sócio histórica.

Sob a perspectiva dos autores supracitados o curso de vida, tal como a infância, a adolescência, bem como os demais estágios seguintes são exemplos de padrões desenvolvidos pelo indivíduo a partir de suas interações e reconstruções com o meio que o cerca. A partir dessa perspectiva, entende-se que cada estágio desse desenvolvimento traz consigo transformações significativas para o indivíduo, ao mesmo tempo em que reconstrói a sua historicidade biopsicossocial.

A vida afetiva, emoções e sentimentos experienciados, também fazem parte do desenvolvimento humano, compõem o homem e a mulher e constituem um aspecto de fundamental importância na vida psíquica. As emoções e os sentimentos são como alimentos da psique e estão presentes em todas as manifestações humanas. Os vínculos criados entre homens e mulheres são essencialmente de origem interna, fundados e alimentados a partir de razões muitas vezes desconhecidas, é uma necessidade pessoal que envolve afetos e muitas vezes expectativas que dão sentido especial à conduta de cada um expressando-se em forma de desejos, sonhos, fantasias, palavras, atitudes, pensamentos, e é o que impulsiona na consumação do matrimônio (BOCK *et al.*, 2001).

Norgren (2004) ressalta que os casais idosos têm mais tempo para ficar juntos, para se dedicar um ao outro e ele atribui este fenômeno ao fato de que o cuidado dos filhos deixa de ser uma tarefa central e a vida profissional perde destaque ou se

interrompe. Contudo a qualidade da relação não está associada ao tempo de relação ou ao tempo de dedicação, mas a percepção que o parceiro tem do outro, influenciando na qualidade de vida e de relação, bem como, na manutenção do relacionamento.

O grupo familiar de pertença também possui papel fundamental na constituição deste, o qual determina e organiza a sua personalidade, exercendo assim grande influência, principalmente no comportamento individual e na forma de conceber o mundo (PRATTA; SANTOS, 2007). Portanto, ainda que o processo de envelhecer ocorra individualmente, o ser humano sofre as influências do meio em que vive, e isso ocorre em qualquer etapa da vida, assim, a esfera familiar afeta diretamente, o modo como o sujeito vivencia este processo.

Desse modo, a família desempenha a função de um modelo ou um padrão cultural, sendo esta também o primeiro grupo social ao qual o ser humano já nasce inserido e a partir do funcionamento familiar tem-se a compreensão da ideia de ciclo de vida da família. Lopes *et al.* (2006) trazem as concepções de Carter e McGoldrick (1995) sobre o desenvolvimento de ciclo de vida da família, dentre os quais dividem-se em seis estágios: 1) os jovens solteiros; 2) o novo casal; 3) famílias com filhos pequenos; 4) famílias com filhos adolescentes; 5) o ninho vazio; e, finalmente, 6) famílias no estágio tardio de vida. A passagem do primeiro estágio para o segundo estágio é marcada pelo ritual de casamento, podendo ser um casamento civil e/ou religioso.

300

Para Ponzetti Jr. (*apud* LOPES *et al.*, 2006) a formação de um novo casal é um processo praticamente universal, tal como após este a designação de um novo papel social perante o ambiente, neste caso o papel de marido ou mulher, demarcando assim claramente a formação de um núcleo familiar. Narciso (2002) aponta como motivo principal para o casamento, a constituição familiar e atualmente a aquisição de *status* e respeito frente à sociedade. Este autor também defende que, o casamento na velhice assume um papel de constituinte da identidade, sendo importante para a manutenção da integridade pessoal no processo de envelhecimento.

Autores como Fiedrich Engels e Pierre Bourdieu fizeram uma análise crítica à evolução histórica e social do núcleo familiar. O marxista Engels, com base nos estudos de Morgan¹ transcorre algumas etapas antecedentes ao atual modelo de família monogâmica, que foi precedida pelo matrimônio por grupos, e até mesmo pela prática de poligamia entre os homens, e poliandria entre as mulheres.

A instituição família, como a conhecemos hoje, baseia-se na monogamia e está fundamentada na chefia absoluta do homem, tem como finalidade expressa a

¹ Morgan foi o primeiro que, com conhecimento de causa, tratou de introduzir uma ordem precisa na pré-história da humanidade, e sua classificação permanecerá certamente em vigor até que uma riqueza de dados muito mais considerável nos obrigue a modificá-la (ENGELS, 1984. p. 21)

procriação de filhos de paternidade indiscutível, tendo em vista a herança dos bens pelos herdeiros diretos, perpetuando assim o nome e poder do patriarca. Engels (1984) discorre ainda sobre a origem da desigualdade de gênero e o vínculo entre o desenvolvimento da família e de uma sociedade antagônica:

Assim, pois, nos casos em que a família monogâmica reflete fielmente sua origem histórica e manifesta com clareza o conflito entre o homem e a mulher, originado pelo domínio exclusivo do primeiro, teremos um quadro em miniatura das contradições e antagonismos em meio aos quais se move a sociedade, dividida em classes desde os primórdios da civilização, sem poder resolvê-los nem superá-los (ENGELS, 1984, p. 73).

Neste contexto, descrito pelo teórico revolucionário alemão, identifica-se o estabelecimento de um padrão familiar, caracterizado por maior solidez dos laços conjugais, aos quais só o homem pode romper; ainda lhe é concedido não só o direito de exercer a infidelidade conjugal, bem como o de punir mais rigorosamente a mulher que aja da mesma maneira, dado que leva o autor a concluir o caráter específico da monogamia que via de regra tornou-se uma imposição à mulher exclusivamente (ENGELS, 1984).

A teoria bourdieusiana encara o casamento como arranjo político, o autor compara-o a um jogo que tem por objetivo a manutenção da casa e da honra. A metáfora do jogo coloca o casamento individual como o resultado de um jogo de estratégias dependente de casamentos anteriores. Outra metáfora utilizada pelo autor exemplifica a manipulação dos limites genealógicos ou da distância geográfica, onde a distância equivale ao sentido do casamento, e que permite assimilar ou excluir parceiros ou inimigos em contextos políticos específicos.

Esta concepção coloca o casamento e a instituição família como campo social, e aponta para a socialização, que – segundo o conceito de *habitus* em Bourdieu (1987) é implementada com o desenvolver de uma série de produções de *habitus*, no decorrer da vida dos agentes. Neste ponto Silveira (2006) destaca:

A família implementa-se como categoria social objetiva (estrutura estruturada) e subjetiva (estrutura estruturante). Na primeira, os agentes familiares apresentam-se como executores da estrutura. São agentes ‘passivos’ diante de algo que se encontra fora das suas dimensões individuais. A segunda é impregnada do individual para o social, isto é, os membros familiares tornam-se ativos, mediante as determinações estruturais.

Pode-se concluir, que há um vasto campo de análise da construção socio-histórica do ser humano como pertencente a um contexto familiar, em evolução interpessoal e intergrupar que reflete na vida de todos ao seu redor, é visível então, a necessidade

de se ampliar os estudos às diversas gerações, diferenciando assim suas vivências e percepções, a partir do conjunto de saberes sociais partilhados que perpassa ou se modifica de geração para geração.

Representações sociais

O estudo das Representações Sociais permite a investigação de como se formam e como funcionam os sistemas de referência que todo ser humano possui através de suas construções na relação com o mundo. Segundo Moscovici (2003), para se compreender melhor o funcionamento do comportamento humano e o modo como os atores sociais se agrupam, devem-se considerar conjuntamente os afetos, as condutas, a organização, a sistematização de como eles compartilham crenças, atitudes, valores, perspectivas futuras e experienciais sociais.

A representação social, diferentemente das representações coletivas, não é somente uma herança dos antepassados, transmitida de maneira determinista, estática e preestabelecida, mas um conhecimento construtivo, de caráter social, que se origina nas conservações interindividuais e intergrupais (MOSCOVICI, 1984). A representação social é vista como sendo um processo público de criação, elaboração, difusão e mudança do conhecimento compartilhado no discurso cotidiano dos grupos sociais (DOISE, 1990; 1992; MOSCOVICI, 1984; 2003).

Desse modo, Doise (1990) afirma que a utilização das teorias sociais é bastante útil, na medida em que se lida com um marco conceitual que envolve tanto o nível intrapessoal de análise como interpessoal e o grupo. Para que tenhamos uma compreensão mais apurada de como as relações sociais invadem os campos sociais, Moscovici sistematizou processos cognitivos regulados por fatores sociais que são a objetivação e a ancoragem. Coutinho (2004) reafirma a importância da objetivação e ancoragem, elaborados por Moscovici, alegando que são responsáveis pela interpretação e atribuição de significados do objeto social. Assim, a ancoragem é entendida como uma forma de classificar ou dar nome a alguma coisa, e objetivar é entendido como a transformação de algo abstrato em algo mais concreto ou, ainda, como a transformação de algo que está na mente em algo do mundo real. A objetivação visa transformar algo que está no nível abstrato, desconhecido para outro do mundo real, mais acessível, tornando-o mais concreto e objetivo (SILVA, 2010).

Neste sentido Ribeiro (2011) afirma que as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessadas do seu conteúdo cognitivo, devem ser

compreendidas a partir do seu contexto de produção, trata - se do que as pessoas pensam e sentem e o do modo como fazem. Não é uma imagem estática de um objeto na mente das pessoas, está em contínuo movimento veiculada a prática social. É um processo psicológico que se constitui enraizado na história social, compreendido nas condições de vida dos grupos e na linguagem por eles utilizada (LUNA; NASCIMENTO, 2010).

As representações sociais do casamento demonstram que este pode ser vivenciado como “o lugar onde se encontra a felicidade” (SILVA; TRINDADE; SILVA JR. , 2012, p. 440), ou como “um lado reconfortante, um contraponto para enfrentar as demandas e exigências do mundo do trabalho”. Nesta última, família e casamento são entendidos como locais de apoio e do alívio do estresse e das pressões cotidianas, o que pode contribuir para a satisfação em nível pessoal e relacional (PERLIN; DINIZ, 2005).

O casamento já não pode ser visto como uma instituição estática e homogênea, também já não é encarado como algo indispensável e duradouro. Para Gomes e Paiva (2003), o casamento deve ser situado de modo a se distanciar do modelo institucional do passado, estando mais relacionado, na atualidade, a uma noção de mutatividade, transformação, flexibilidade em relação ao novo e diferente, instituindo um espaço de desenvolvimento interpessoal e criatividade.

A complexidade das modificações nos papéis e funções sociais de homens e mulheres, e o envelhecimento populacional colocam os estudiosos do comportamento e das relações humanas diante da necessidade de ampliar o foco de análise das relações interpessoais para compreender as representações sociais acerca do casamento entre gerações. Desse modo questiona-se, qual é a representação social das pessoas em diferentes gerações do casamento e da relação conjugal?

303

Métodos

Este estudo é caracterizado por uma pesquisa de campo, descritiva, e de natureza qualitativa; o mesmo sendo financiado pelos próprios pesquisadores. Considerou-se o método qualitativo como adequado porque ele se configura através de uma maior preocupação com o fenômeno, buscando compreender o modo como os significados são construídos. A pesquisa foi realizada na cidade de João pessoa, onde foram entrevistados 128 participantes, de ambos os sexos, sendo 59 do sexo masculino e 69 do sexo feminino, divididos em três grupos por faixa etária, o primeiro grupo formado por 51 pessoas com idade entre 18 e 40 anos, o segundo grupo

formado por 42 pessoas na faixa de 41 a 59 anos, e no terceiro grupo 35 pessoas com idade maior que 60 anos.

O instrumento utilizado foi um questionário elaborado pelos próprios pesquisadores. Os dados foram analisados através da Técnica de análise de conteúdo temática de Bardin (2010). O critério de inclusão da amostra foi a de estarem casados ou em relações estáveis há pelo menos 01 ano e aceitarem participar do estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Resultados

A partir da análise de conteúdo acerca das representações sociais de jovens adultos entre 18 e 40 anos sobre a temática "casamento", verificou-se a distribuição de 260 unidades temáticas em duas categorias e 07 subcategorias, conforme observado (Tabela 1):

Tabela 1 - Análise de conteúdo das respostas dos participantes de 18 a 40 anos ($n=51$)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	f
Concepção do casamento (f=82)	União	35
	Expressão de sentimento positivo	33
	Família	09
	Compartilhar situações adversas	05
Elementos necessários a uma boa relação conjugal (f=178)	Sentimentos positivos em relação ao outro	53
	Atitudes positivas em relação ao outro	116
	Estrutura de vida	09

Na primeira categoria que revelou a "*Concepção do casamento*", surgiram 04 subcategorias: União ($f=35$), Expressão de sentimento positivo ($f=33$), Família ($f=09$) e Compartilhar situações adversas ($f=05$). Já na segunda categoria "*Elementos necessários a uma boa relação conjugal*" emergiram 03 subcategorias: Atitudes positivas em relação ao outro ($f=116$); Sentimentos positivos em relação ao outro ($f=53$) e Boa Estrutura ($f=09$). Na tabela abaixo (Tabela 2) estão representadas as categorias que compõem a representação social que o grupo dos adultos com idade entre 41 e 59 anos, tem acerca do casamento, da qual emergiram 202 unidades temáticas, divididas em duas categorias e 11 subcategorias.

Tabela 2 - Análise de conteúdo das respostas dos participantes de 41 a 59 anos ($n=42$)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	f
Concepção do casamento (f=80)	Expressão de sentimentos positivos	31
	Constituição de Família	18
	União	11
	Convivência	10
	Compartilhar situações adversas	08
	Comunicação	02
Elementos necessários a uma boa relação conjugal (f=122)	Sentimentos positivos em relação ao outro	66
	Amor	30
	Compreensão	11
	Diálogo	10
	Estrutura financeira	05

Da primeira categoria "Concepção do Casamento", surgiram 05 subcategorias: Expressão de Sentimentos Positivos ($f=31$), Constituição de Família ($f=18$), União ($f=11$), Convivência ($f=10$), Compartilhar situações adversas ($f=08$) e Comunicação ($f=02$). Já da segunda categoria "*Elementos necessários a uma boa relação conjugal*", obtivemos 05 subcategorias: Sentimentos positivos em relação ao outro ($f=66$), Amor ($f=30$), Compreensão ($f=11$), Diálogo ($f=10$), Estrutura Financeira ($f=05$).

A análise do grupo de idosos (Tabela 3), apresenta uma representação social do casamento que totalizou 149 unidades temáticas distribuídas em duas categorias e 08 subcategorias.

305

Tabela 3 - Análise de conteúdo das respostas dos participantes com mais de 60 anos ($n=35$)

CATEGORIAS	SUBCATEGORIA	f
Concepção do casamento (f=55)	Afeição em relação ao outro	21
	União	13
	Convivência	12
	Estrutura de Vida	05
Elementos necessários a uma boa relação conjugal (f=94)	Companheirismo	19
	Afeição em relação ao outro	27
	Compreender o outro	32
	Atributos / Qualidades	16

A primeira categoria referente à "*Concepção do casamento*" ($f=55$) subdividiu-se em 04 subcategorias: Afeição em relação ao outro ($f=21$); Convivência ($f=12$); União ($f=13$) e Estrutura de vida ($f=5$). Na segunda categoria "*Elementos necessários a uma boa relação conjugal*", emergiram 04 subcategorias: Compreender o outro, ($f=32$) afeição em relação ao outro ($f=27$), Companheirismo ($f=19$) e Atributos/Qualidades ($f=16$).

Discussão

A discussão dos dados foi estruturada de acordo com as categorias obtidas. Sendo assim discutiremos, primeiramente, as concepções do casamento nos diferentes grupos etários, e posteriormente, os elementos necessários a uma boa relação conjugal, buscando assim uma melhor compreensão da representação social do casamento entre gerações.

Concepção do casamento

Nesta primeira categoria, percebemos que o casamento, para os mais jovens, está ancorado na noção de união, objetivada através da necessidade de duas pessoas estarem juntas: *“União de duas pessoas que se gostam”*, de acordo com os estudos de Araújo (2002) nota-se que alguns indivíduos mais jovens da sociedade atual tendem a casar-se com o intuito único de viver com o (a) parceiro (a) sem planejar imediatamente a construção de uma família constituída também com filhos, podendo está união estar relacionada com fatores econômicos e psicológicos considerados por este como centrais do relacionamento.

306

Ressalta-se, porém, que os jovens pesquisados pelo nosso estudo trazem basicamente a necessidade de unir, justificada pela união de duas pessoas que possuem sentimentos positivos recíprocos, os quais também podem estar ou não implícitos outros fatores psicológicos, sociais ou econômicos. Surge também nos resultados à necessidade da união por status civil e religiosidade, denotando uma preservação da antiga e ainda atual representação da união estável pautada na legitimação judicial e religiosa (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009).

União (5) / União de duas pessoas (4) / Família unida (2) / União de duas pessoas que querem seguir juntos (2) / União civil e/ou religiosa de duas pessoas (2) / União estável (2) / Viver juntos (2) / Duas vidas em uma só (2) / União perfeita.

Nota-se também que o investimento emergido nas respostas dos jovens adultos pode ser associado às considerações de Zordan, Falcke e Wagner (2009, p. 60), que defendem que:

No casamento contemporâneo, os ideais do amor romântico, de que a união é única e eterna, tendem a fragmentar-se, principalmente, devido à emancipação e à autonomia das mulheres. Hoje, os parceiros não aceitam que o casamento não corresponda às suas expectativas de felicidade, prazer, compreensão mútua e companheirismo [...].

Esta consideração fica explícita ao se considerar os conteúdos na segunda subcategoria evidenciada por este grupo, na qual o casamento é ancorado na expressão de sentimentos positivos em relação ao cônjuge, e objetivado através de sentimentos como: "Amor (6) / Respeito (5) / Companheirismo (4) / Cumplicidade (3) / Carinho (2)".

Nota-se apenas o surgimento e a prevalência de sentimentos positivos, girando em torno de um ideário do amor perfeito, citado por Araújo (2002) como uma problemática moderna, tendo em vista que este ideal de casamento pautado no amor romântico coloca a prova à duração do casamento, pois este amor-paixão geralmente não possui uma duração extensa e sendo assim o amor conjugal ligado a ele também não dura. Araújo (2002, p. 74) ainda ressalva que: "Esse é o grande desafio que os casais modernos enfrentam nos dias de hoje e que os leva a redefinir expectativas e idealizações sobre o casamento".

Nota-se paralelamente a este foco na perspectiva positiva do casamento trazida pelos participantes do primeiro e do segundo grupo, o surgimento da subcategoria "Compartilhar Situações Adversas" e ao se comparar a frequência de resposta no que se refere na categoria *Concepção do Casamento*, percebe-se que nestes dois grupos esta subcategoria possui as menores frequências, tendo respectivamente no Grupo 1 uma frequência de 5 respostas que se enquadram nessa subcategoria, e no Grupo 2 uma frequência de 8 respostas enquadradas nessa subcategoria. O aumento da frequência no segundo grupo de adultos pode sugerir maior incidência destas situações neste grupo, conforme maior tempo de relação.

Desse modo percebe-se que esses grupos etários pesquisados retratam o casamento focando em seus pontos positivos, girando em torno do que foi anteriormente denominado como amor-romântico ou podendo ser intitulado numa perspectiva psicanalítica como um apaixonamento de caráter ilusório, ou seja, o eu do indivíduo apaixonado busca uma fusão narcísica ou completude a partir da união com o objeto de amor idealizado, o caráter ilusório deve-se por causa da atitude do apaixonado em projetar no objeto os seus próprios ideais narcísicos lhe atribuindo perfeições inexistentes, sendo assim essa ilusão funciona como uma defesa contra a realidade (FREUD, 1976).

A partir desse embasamento psicanalítico é possível pontuar que esta perspectiva de casamento está entrelaçada com uma idealização, no qual os conjugues buscam viver um amor perfeito e ignorando quaisquer aspectos negativos que podem surgir conforme o tempo de relacionamento se prolonga, tais como discussões envolvendo aspectos psicológicos, sociais e financeiros que estão interligados intimamente ao fenômeno do casar-se.

Quando comparamos, no entanto, os dois primeiros grupos, não podemos dizer que há grandes diferenças, mas, há algum distanciamento dos mais jovens, em

relação à visão do casamento institucionalizado, que tinha como objetivos principais a procriação e constituição de família.

Embora este tenha sido o modo dominante de se pensar a relação conjugal, nota-se que não só entre os mais jovens como também o grupo de adultos mais maduros, assim como entre os idosos, prevaleceu uma concepção do casamento ancorada na afeição em relação ao outro, objetivada, através de:

Respeito (6) / Amor (4) Amizade (3) / Paciência (1) / Confiança (1) / Sabedoria (1) / Consideração (1) / Compreensão (1) / / Uma relação baseada no amor, respeito, compreensão mútua e complementando tudo isso, muita renuncia de ambos em favor de uma vida de paz, principalmente, com a vinda dos filhos. (1) / Aceitação de erros (1) / Tratar bem (1).

Contudo, com exceção dos idosos, as respostas dos outros dois grupos de adultos trouxeram uma concepção do casamento ancorada também no modelo de constituição de família:

Vida a dois para formar família/ fundamentação da vida em família/ união da família/ família/ a sagrada família/ união que gera frutos/ relação conjugal/ duas pessoas vivendo a mesma vida/ construção de uma vida/ relacionamento entre duas pessoas/ Desenvolvimento e procriação da espécie/constituir família/ união de duas pessoas que se amam (5) / união a dois.

308

Ou seja, está ancorada na concepção de casamento – historicamente construída pelos valores religiosos e morais – na qual, como afirma Pretto (*et al*, 2009. p. 396) “o casamento vai se configurando como o espaço mais apropriado para a realização do amor”. Percebe-se também que a perspectiva de casamento surge paralela nos três grupos com aspectos tradicionais ou modernos, tal como conclui os estudos de Silveira (2006), de acordo com esta autora as concepções antigas mesclam-se as novas, dessa forma o presente e o passado consolidam o trabalho de instituição da família.

Partindo do ponto de vista de que os idosos por serem mais tradicionalistas – além de mais apegados à religião – esperava-se, que este grupo, bem mais que os jovens, tivessem uma representação social de casamento como meio para constituição de família, no entanto percebe-se a concepção de casamento muito mais ligada à afetividade, união e ainda convivência.

Conviver (2) / É a convivência entre um homem e uma mulher (2) / É viver os dois na maior tranquilidade, com paz e harmonia, sem agonia/ É a convivência do casal “diuturnamente” (*sic*) / Se dá bem um com o outro, evitar confusão, companheirismo (*sic*) / Cumplicidade/ É um conjunto de cooperação mais deveres entre duas pessoas, que se entendem e se amam/ O convívio de duas pessoas/ É uma relação boa, não tem briga, somos parceiros, cada um tem seus afazeres/ Viver bem, nunca brigar.

A convivência também foi destacada pelo grupo de adultos na faixa dos 41 a 59 anos, objetivada através: “A vida a dois (4) / viver bem (2) / conhecer defeitos e qualidades (2) / partilhar rotina”, para Calligaris (*apud* GOMES; PAIVA, 2003) a diferença na perduração do bom relacionamento estaria no esforço dos parceiros em conviver com a rotina de todos os dias, tal como as qualidades e defeitos dos seus conjugues.

Ainda percebemos que os idosos não pontuaram algo como adversidades no relacionamento, entretanto, quando falam em convivência, mencionam “Viver bem, nunca brigar/ Se dá bem um com o outro, evitar confusão, companheirismo (*sic*)”, evidenciando um modo diferente de lidar com tais adversidades e conflitos, “evitando-os” para manter uma boa convivência.

Para Barboza (2011) é necessário certo nível de tensão entre os cônjuges, tensão que surge da convivência de duas pessoas com experiências e valores diferentes, necessidades e expectativas que, na maioria das vezes, não serão totalmente atendidas. Para a autora os conflitos em um relacionamento conjugal são inerentes ao casamento, sendo necessário saber administrá-los, do contrário cria-se a crise do casamento. Porém as situações adversas citadas pelos participantes, não estão relacionadas apenas a conflitos entre o casal, mas também a dificuldades, problemas, tristezas, etc.

Como afirma Barboza (2011) para que aja uma interação conjugal é necessária intimidade suficiente e esta intimidade é alcançada imprescindivelmente pelo estabelecimento de uma comunicação aberta e livre entre o casal. Aqui podemos destacar o que, para o segundo grupo da nossa amostra seria não apenas necessário, mas, constituinte, visto que a concepção trazida, não é de comunicação somente como elemento, mas também, de casamento sendo um diálogo constante, concepção ancorada na comunicação, e objetivada através de “Um discurso aberto e livre/ dialogar sobre tudo”.

Por fim, do grupo dos idosos, ainda emergiu a categoria “estrutura de vida”, nesta subcategoria pode-se apreender a alta carga de importância que o casamento tem para os idosos, consistindo em algo bastante significativo e sendo qualificado como altamente positivo:

É a estrutura da vida; é a mola da família / Me casei muito nova, passei por muitas dificuldades, mas para mim foi muito importante para minha vida/ É compartilhamento de vida/ É a melhor coisa do mundo, ter uma companheira/ Casamento é a melhor coisa do mundo. Tenho uma mulher maravilhosa que cuida e gosta de mim.

Para Gomes e Paiva (2003, p. 9), o casamento está mais relacionado, a uma noção de mutatividade, transformação, flexibilidade em relação ao novo e diferente, instituindo um espaço de desenvolvimento interpessoal e criatividade e deve ser visto

como um “veículo para o desenvolvimento individual uma abertura para encarar o novo contido na rotina do dia-a-dia, crescimento tendente à maturidade e criação de um ‘espaço potencial’ entre os cônjuges”.

Elementos necessários a uma boa relação conjugal

Em relação ao primeiro grupo pesquisado, caracterizados na Tabela 1, os participantes destacam a necessidade de demonstrações de sentimentos e atitudes positivas como um elemento necessário para haver a satisfação conjugal. Dentre desses sentimentos percebe-se a perseverança do amor ($f=33$) e compreensão ($f=13$) e dentre as atitudes foi evidenciado o Respeito ($f=32$), Companheirismos ($f=17$), Confiança ($f=13$) e Fidelidade ($f=9$) como os mais significativos.

Oltramari (2009) conceitua o amor pelo conjugue como um sentimento de gostar incondicionalmente deste, tendo como objetivo só lhe fazer o bem. O referido autor também ressalva a importância do amor na atualidade, o defendendo como mais importante atualmente do que antigamente, pois a partir dele o casal pode trazer estabilidade a sua vida conjugal, o considerando assim um “importante elemento para conjugalidade”.

310

Pretto, Maheirie e Toneli (2009) postulam a importância da criação de laços que possibilitem que o casal resista a conflitos, atribuindo para isto, à necessidade de outras formas de sentimentos ou atitudes que coexistam com o amor, como por exemplo, a compreensão, a confiança e o respeito. Essa demonstração de afetos é também imprescindível para estabelecer um sentimento valorativo ao relacionamento, principalmente no que diz respeito ao aspecto emocional, sob a perspectiva dos autores essa demonstração atribui um caráter de satisfação e prazer ao relacionamento, principalmente para aqueles que evidenciam e configuram práticas de cuidados com o parceiro, por meio da cumplicidade, fidelidade, companheirismo, respeito e dedicação.

No que diz respeito à subcategoria “Estrutura de Vida”, os participantes demonstraram a importância de haver uma estruturação no relacionamento, tanto de valor emocional, moral e financeiro. A autora Neves (2007) traz a concepção do sociólogo William Goode (1959), o qual postula que a estrutura do relacionamento amoroso determina a intensidade de atração, a proximidade ou afastamento de uma pessoa de um relacionamento íntimo, desse modo, consideremos que estes valores emocionais, morais e financeiros podem influenciar diretamente na estabilidade ou não de um relacionamento conjugal saudável, todavia Barboza (2011, p. 302) afirma que: “Embora o casamento envolva compromissos, provações e renúncias, também deve ser fonte de prazer, divertimento e felicidade”.

No segundo grupo da amostra, constado na tabela 2, vê-se igualmente a necessidade do amor e de outros sentimentos positivos, como no primeiro grupo, no qual se percebe uma maior valorização dos componentes emocionais no relacionamento; Carvalho e Paiva (2010) ressaltam que os relacionamentos modernos por possuírem ainda uma duração incerta, existem neles uma maior busca de satisfação entre os conjugues, estas associadas principalmente ao aspecto emocional.

Este primeiro grupo por se tratar ainda de casais que ainda se encontram no começo do relacionamento demonstraram mais destacadamente os aspectos emocionais, enquanto no segundo grupo já surge outros componentes considerados tão importantes quanto o amor e o afeto, tais como o diálogo, a compreensão e a responsabilidade financeira. De acordo com Barboza (2011), na interação conjugal é indispensável à abertura de um diálogo gerador de liberdade e intimidade suficiente para o casal.

Desse modo, vê-se que o casamento para o segundo grupo etário principia a necessidade de maior entrosamento entre ambas a parte e conota ao mesmo tempo a importância de ter uma constituição social e econômica estável, que permita condições adequadas de moradia e a possibilidade da constituição de um lar, com filhos ou não. O referido autor ainda ressalva que atualmente ainda é dada nos relacionamentos grande importância ao amor, à individualidade, à independência emocional e econômica, à maternidade e paternidade.

No que se refere à necessidade de Estrutura Financeira para um relacionamento satisfatório, apontada pelo segundo grupo, nota-se que diversos aspectos justificam e consolidam o casamento e podem ser aspectos cruciais no relacionamento de alguns casais, a necessidade de obter bem materiais, prestígio social ou crescimento e estabilidade financeira podem tornar a união mais desejável (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009).

O terceiro grupo etário, também evidencia conteúdos referentes à necessidade de afetos, mais prevalecem principalmente discursos de compreender o outro, companheirismo e qualidades que são importantes no relacionamento. Vê-se assim uma clara diferença cultural entre as gerações aqui estudadas, em comparação com os demais grupos, nos quais se nota uma maior estima aos aspectos sentimentais do relacionamento, o terceiro grupo atribui maior valoração aos aspectos que auxiliam na convivência do casal, os autores Beall e Sternberg (*apud* NEVES, 2007) postulam o amor como uma construção social e emocional não universal sofrendo variações culturais.

Percebe-se que para estes indivíduos o relacionamento sofreu a partir da convivência e do cotidiano uma mudança em sua representação e constituição, caracterizando-se por uma compreensão e companheirismo pautados de afetos em relação a outro, para que seja possível uma intimidade que propicie igualdade entre os parceiros e uma comunicação emocional de ambas as partes (BARBOZA, 2011).

Os participantes desse grupo etário também evidenciam a importância de qualidades, tais como Inteligência, Humildade, Sabedoria, Paciência, Seriedade, Responsabilidade, Tolerância e Maturidade emocional em ambas as partes; esses atributos postulados aqui como qualidades, possibilitam que o casal estabilize, conserve e sustente da melhor forma a relação, tendo em vista que está se baseia na convivência diária de duas pessoas com experiências, valores, necessidade e expectativas diferentes.

Considerações finais

A análise dos dados coletados possibilitou uma melhor compreensão a cerca das representações sociais dos diferentes grupos etários pesquisados. No que tange a concepção do casamento, nota-se relevantes divergências entre os indivíduos pesquisados. Enquanto os participantes que formaram o grupo de jovens adultos evidenciam sentimentos associados principalmente ao simbólico da união e a demonstração de atitudes positivas para com o cônjuge, o grupo dos adultos acrescenta a essas duas características a importância da convivência e principalmente da família como forma de concretização do relacionamento.

312

Enquanto nos idosos destacaram-se atitudes de afeição para com o conjugue e bem como de união e convivência, tendo em vista que nessa etapa do ciclo familiar, o casal encontra-se vivendo basicamente em companhia do parceiro. No que diz respeito aos elementos necessários para um bom casamento surge no primeiro e segundo grupo, sentimentos e atitudes positivas em relação ao conjugue, enquanto para os idosos prevalece a necessidade do companheirismo, de compreender o outro, bem como de afeição e qualidades que visam melhorar a convivência.

Nessa perspectiva vê-se que nos dois primeiros grupos prevalece primariamente o lado emocional do relacionamento e secundariamente os aspectos de estabilidades, podendo ser de fator social ou econômico, como o segundo grupo em que surge maior destaque à necessidade de estabilidade financeira para a formação de uma família; é notável também o surgimento em menor escala de conceber o casamento como um "compartilhamento de situações adversas", nota-se assim que durante o processo de construção do casamento podem surgir situações adversas dentro do núcleo familiar, provocando a necessidade de estabilidade financeira e emocional, pois ambas possibilitam uma melhor resolução dessas problemáticas.

Desse modo é notável um maior amadurecimento nesse grupo etário, no qual se relaciona principalmente com a idade dos participantes, do mesmo modo é perceptível nos participantes idosos, à representação do casamento ancorado e objetivado na convivência e rotina, fenômeno que pode então explicar o porquê dos mesmos

ênfatarem a compreensão como um dos elementos mais importantes para manter um bom relacionamento, pois a partir da compreensão mútua conseguem ultrapassar as dificuldades que possam ter surgido ao longo do tempo no relacionamento, desenvolvendo assim uma estabilidade emocional na relação.

Chama-se a atenção também o fato de haver em todos os grupos etários pesquisados uma maior frequência de respostas relacionadas aos aspectos positivos da vida a dois, enquanto os aspectos negativos surgem numa representatividade menor, possivelmente isso se deva ao fato dos aspectos negativos serem desprivilegiados ou mesmo omitidos pelos sujeitos pesquisados, numa tentativa de ultrapassar apenas aspectos simbólicos associados comumente ao relacionamento, ignorando assim os conteúdos subjacentes e os que trazem empecilhos ou inviabilizariam o relacionamento a dois.

Sendo assim, o presente estudo possibilitou uma compreensão sobre como esses três grupos etários percebem seus casamentos, a partir do estudo foi possível notar que um relacionamento amoroso sofre a influência de diversos fatores, os quais variam de acordo com os aspectos psicológicos, sociais, culturais e econômicos de cada casal. Para a amostra pesquisada algumas características se destacam tais como o amor, a compreensão mútua, a demonstração de afetos, a estabilidade financeira e a união, considerado pelos participantes como fatores importantes em um relacionamento.

Neste contexto, é de suma importância, que não cessem os estudos acerca do tema, principalmente com o intuito de gerar novas pesquisas sobre a representação social do casamento em outros contextos, para que seja possíveis futuras realizações de comparações interculturais, auxiliando assim na compreensão das mudanças ocorridas tanto no modo de pensar, como no comportamento das pessoas, e ainda no desenvolvimento das suas relações interpessoais.

313

Referências

- ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 70-77, 2002.
- BARBOZA, S. N. As diversas formas de conjugalidade na eterna busca da felicidade **Polêm!ca**, v. 10, n. 2, p. 299-306, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BOCK, Ana Mercês Bahia et al. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- CARVALHO, F. C. G. ; PAIVA, M. L. de S. C. O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento. **Bol. psicol**, v. 59, n. 131, p. 223-235, 2010.
- COUTINHO, M. P. L; ARAUJO, L. F. ; GONTIÈS, B. Uso da maconha e suas representações sociais: estudo comparativo entre universitários. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 469-477, 2004.
- DOISE, W. Les representations sociales. In: GHIGLIONE, C. ; RICHARD, J. P. (Org.). **Traité de psychologie cognitive**. Paris: Dnod, 1990.
- ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Trad. Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- FREUD, S. Narcisismo: uma introdução. In: _____. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976 [1914], p. 85-120.
- GOMES, I. C. ; PAIVA, M. L. S. C. Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding? **Psicol. estud.**, v. 8, p. 3-9, 2003.
- LEPRE, R. M. Desenvolvimento humano e educação: diversidade e inclusão. In: **Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental**. São Paulo: Bauru, 2008.
- LOPES, R. C. S. et al. Ritual de casamento e planejamento do primeiro filho. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, 2006.
- LUNA, V. L. R. ; NASCIMENTO, Z. A. **Desafios da Psicologia contemporânea**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2010.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. The phenomenon of social representations. In: FARR, M. ; MOSCOVICI, S. (Ed.). **Social representations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- NARCISO, I. S. Janela com vista para a intimidade. **Psychologica**, v. 31, p. 49-62, 2002.
- NEVES, A. S. A. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 609-627, 2007.
- NORGREN, M. B. P. et al. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. **Estud. psicol.**, v. 9, n. 3, p. 575-584, 2004.
- OLTRAMARI, L. C. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 4, p. 669-677, 2009.
- PAIVA, M. L. S. C. Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding? **Psicologia em Estudo**, v. 8, p. 3-9, 2003.
- PERLIN, G. ; DINIZ, G. Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? **Psicol. clin.**, v. 17, n. 2, p. 15-29, 2005.

- PRATTA, E. M. M. ; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007.
- PRETTO, Z. ; MAHEIRIE, K. ; TONELI, M. J. F. Um olhar sobre o amor no ocidente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 2, p. 395-403, 2009.
- RIBEIRO, C. G. **Representações sociais da violência doméstica**: qualidade de vida e resiliência entre mulheres vítimas e não vítimas. Tese (Doutorado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- SIFUENTES, T. R. ; DESSEN, M. A. ; OLIVEIRA, M. C. S. L. Desenvolvimento humano: desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. **Psicologia - Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 23, n. 4, 2007.
- SILVA, J. A. P. A teoria das representações sociais na pesquisa interdisciplinar. **Revista de ciências humanas**, Florianópolis, v. 44, n. 2, p. 537-541, 2010.
- SILVA, P. O. M. ; TRINDADE, Z. A. SILVA JUNIOR, A. As representações sociais de conjugalidade entre casais recasados. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 17, n. 3, p. 435-443, 2012.
- SILVEIRA, I. T. Sociedade, educação e família. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 22, p. 180-193, 2006.
- ZORDAN, E. P. ; FALCKE, D. ; WAGNER, A. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicol. rev.**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 56-76, 2009.